

RESENHA

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p.

DRA. SIGRID RENAUX
Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE)
Curitiba, Paraná, Brasil
(sigridrenaux@gmail.com)

A produção intelectual de Carlos Daghljan (1938-2016) – Professor Emérito do Instituto de Biologia, Letras e Ciências Exatas da UNESP de São José do Rio Preto, como também Presidente Emérito da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (ABRAPUI) – valorizou, de modo excepcional, sua formação em Literatura Norte-Americana. Suas publicações, entre outras, sobre Poe, Melville e, sobretudo, Emily Dickinson – em capítulos de livros e artigos em periódicos especializados no Brasil e no exterior – refletindo todo seu conhecimento e experiência sobre a poeta norte-americana, atingiram seu ápice com o livro *Emily Dickinson: A visão irônica do mundo*, tema de sua tese de livre-docência.

Resenha recebida: 18 set. 2016.
Aceita: 16 out. 2016.

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

O livro, cuja capa retrata Emily Dickinson num desenho de Portinari de 1958, baseado numa cópia da única foto “oficial” da poeta – como declara Daghljan no Agradecimento –, é dedicado à memória de três professores: Kera Stevens (USP), Aíla de Oliveira Gomes (UFRJ) e Luiz Angélico da Costa (UFBA). O **Prefácio**, do Professor George Monteiro da Brown University (USA), apresenta algumas considerações sobre a poeta e o autor: se “Maturidade é tudo”, como Monteiro afirma ao invocar “este mote de sabedoria para honrar o autor deste estudo” (DAGHLIAN, 2016, p. 11), esta maturidade se concretiza neste “estudo penetrante do aspecto irônico da poesia ímpar de Emily Dickinson” (p. 12). Seguem-se uma **Nota Explicativa** e uma **Nota Biográfica**. Nesta última, Daghljan ressalta, além dos dados já conhecidos da biografia e do estilo controvertido da poeta, o fato de que “Dickinson estava integrada na sociedade, apesar de seu isolamento físico” (p.16). Menciona também o site criado por ele, de grande utilidade para todos os estudiosos de Dickinson. As epígrafes que se seguem servem também de estímulo ao leitor a penetrar na obra.

A partir de **1 Introdução**, chama-nos a atenção, além da organização dos capítulos, também a clareza de ideias, a simplicidade com que expõe os argumentos e, simultaneamente, a profundidade com que explora os poemas a partir da preponderância do tema da ironia, tornando destarte o livro instigante para professores, alunos e leitores em geral.

Em **1.1 Da ironia**, Daghljan historia sobre o conceito de ironia a partir dos autores clássicos, com suas diversas definições, e como ela ocorre não só na literatura e nas artes dramáticas, visuais e na música, se bem que a literatura seja a que melhor descreve situações irônicas. Conclui afirmando que, apesar do contínuo processo de

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

metamorfose pelo qual passa a ironia, seus múltiplos significados atuais não contrariam sua definição básica como “figura de retórica que permite acusar louvando ou louvar acusando”.

Em **1.2 Da ironia em Emily Dickinson**, Daghljan discorre, entre outros, sobre as fontes das leituras de Dickinson, sobre o clima intelectual em seus anos de formação, bem como sobre os componentes da ironia da poeta – o uso jocoso do tom solene numa situação trivial, como também a inversão desse recurso –, sua capacidade de distanciamento, que nos levam a considerá-la uma precursora do modernismo.

Já no Capítulo **2 Autoironia**, Daghljan analisa nove poemas que ilustram a atitude autoirônica de Dickinson, alternativa que ela usa para rir de sua própria condição, em vez de se desesperar diante dos problemas do mundo e da vida. Entre eles, encontram-se alguns dos mais citados: “*I taste a liquor never brewed*”, “*I’m Nobody! Who are you?*”, “*My Life had stood – a loaded Gun –*” e “*My Life closed twice before its close –*”¹. No primeiro, o autor ressalta seu processo dialético, pois as autoironias estão tingidas de humor, mas o poema como um todo não é irônico, porque Dickinson melhora os elementos negativos: há ironia com relação ao sujeito, mas não em relação à ação do sujeito. Já no segundo poema, não há inversão atenuadora da ironia: a autoironia e a heteroironia associadas neste poema conduzem o leitor à ironia ontológica, já que Dickinson põe em cheque *a questão da própria identidade*, da pertinência da sociedade e do sentido da existência. No poema seguinte, um dos mais instigantes para a crítica pela sua riqueza e complexidade, a autoironia pode ser

¹ Todos os poemas citados nesta obra encontram-se em inglês e em português, alguns com tradução do autor.

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

percebida em vários pontos do texto, ao Dickinson “desdenhar” sua condição de mulher e de poeta. Por outro lado, há também uma ironia de situação, ao ela reconhecer que pode controlar o mundo exterior, mas não suas exigências íntimas. O último poema inicia-se com uma hipérbole e um paradoxo, aludindo a dois acontecimentos trágicos na vida da poeta e justificando a afirmação paradoxal dos dois últimos versos. Na segunda estrofe, além de ironizar o conhecimento de si mesma, continua a ironia sobre o próprio conhecer e sobre a transcendência celeste, ao ambigüizar esses conceitos. Desta maneira, o poema não se restringe à autoironia, mas se abre para outras formas de ironia.

É o que Daghljan apresenta no Capítulo **3 Ironia ao saber humano**, ao analisar doze poemas de Dickinson nos quais a razão e o saber humanos são alvos frequentes de sua ironia. É a meditação profunda de Dickinson que lhe dá esta autoridade para expor a vaidade humana apoiada na razão. Dentre eles, destacam-se “*I felt a Funeral, in my Brain*”, no qual o autor discute como o sofrimento realiza-se como um funeral na mente da narradora, acentuando as complexas relações entre o corpo e a alma. Quando a razão predomina, a ironia torna-se negativa, mas depois a razão se coloca a serviço da crença, pois por si só nada pode e nada é. Como sempre, Dickinson também vê a fé, a imortalidade e a verdade como paradoxos. Outro poema excepcional é “*This World is not Conclusion*” no qual a poeta ironiza a desconcertante falta de habilidade dos filósofos, teólogos e cientistas em convencer-nos da realidade da vida eterna.

Já no Capítulo **4 Ironia ao sistema de crenças**, Daghljan comenta como Dickinson deixa transparecer em seus textos líricos uma atitude ambivalente diante da religião. Examina, portanto, os

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

poemas que cobrem os artigos de fé do Credo Apostólico, que resume os temas religiosos problematizados pela poeta. Ilustra tal abordagem por meio de “*The Bible is an antique Volume*”, que reúne em si as características que irá analisar.

No sub-capítulo **4.1 A fé e a dúvida**, no qual são analisados catorze poemas, Daghlían ressalta como a atitude típica de Dickinson com relação aos temas religiosos caracterizava-se por uma afirmação de fé inicial seguida de contestações, que levam a uma conclusão de dúvida ou de desafio à crença ortodoxa. Dentre eles, destacam-se “*Faith’ is a fine invention*”, quadra que contém várias implicações paradoxais além da sugestão de conflito entre fé e ciência, como também “*Death is a Dialogue*”, considerado fundamental para qualquer discussão da “filosofia” de Dickinson, por apresentar a morte como “um princípio fundamental do universo”.

Em **4.2 A divindade**, no qual são comentados dezessete poemas, o autor discute como Dickinson apresenta a figura de Cristo, concepções de Deus, o Espírito Santo, narrativas bíblicas, o céu e a imortalidade, por meio de atitudes irônicas nas quais ela revela sua posição contestadora em relação à divindade, ou dramatiza a concepção de um Deus distante e desinteressado, como em “*Of Course – I prayed*”. Em “*Our journey had advanced*”, Deus, o céu e a imortalidade permanecem inescrutáveis. Este poema, geralmente interpretado como manifestação positiva da religiosidade de Dickinson, encerra uma grande ironia, pois, apesar da “bandeira branca da Eternidade” sobre os portões, sugerindo a onipresença de Deus, a poeta O apresenta como um Ser distante e impessoal.

Em **4.3 Julgamento e salvação**, Daghlían continua sua apreciação da ironia da poeta ao sistema de crenças, ao comentar como as ideias do juízo final, da salvação da alma ou do estado de

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

graça – objetos das preocupações poéticas de Dickinson – foram ironizadas na forma em que eram aceitas em sua comunidade. Entre os dez poemas analisados, destaca-se “*You’ re right – ‘the way is narrow’-*”, no qual Dickinson não ironiza propriamente as palavras de Cristo, mas a aplicação que delas faziam alguns pregadores ou algumas igrejas, cujas concepções de sucesso e fracasso apoiavam-se nos valores econômicos da época.

O último sub-capítulo **4.4 Ressurreição e vida eterna** contém análise de catorze poemas relacionados com os dois últimos artigos do Credo e que foram também alvos da ironia de Dickinson. Considerado como um dos melhores poemas de amor da poeta, “*I cannot live with You*” fala de uma experiência amorosa unilateral que acaba em frustração. A construção do poema baseia-se em paradoxos, constituindo-se em diversas partes: a vida com o amado, a morte com ele e a ressurreição com ele; a possibilidade de julgamento; a impossibilidade dos três estados com o amado. O poema “*The Chariot*” – cujo primeiro verso é “*Because I could not stop for Death*” – é considerado um dos melhores poemas da língua inglesa e dos mais antologados e traduzidos de Dickinson. Nele a poeta foi irônica o tempo todo: a atmosfera de intimidade durante a viagem vai se carregando de ironia e o poema vai sendo marcado por ironias dramáticas sutis, já que o próprio leitor não fica ciente do seu alcance. Como Daghljan ainda enfatiza, no final deste capítulo, Dickinson sofre a influência de muitas obras, sendo a Bíblia e Shakespeare as principais. Isto explicaria também o fato de seus poemas terem sido organizados em quarenta fascículos (número bíblico), o que daria um significado especial para ela. Encerra comentando que, com relação às posturas contestatórias de Dickinson diante da fé e da religião, alguns críticos da atualidade advertem os

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

colegas que lançam mão da metalepse para impor a visão secular de nosso tempo à mentalidade vigente no século dezanove.

Daghlian observa, no capítulo **5 A concepção irônica da natureza**, como Dickinson frustra certas expectativas cultivadas pelo Romantismo quando trata de aspectos da realidade tidos por insignificantes, feios ou grotescos. Entretanto, esta ironia manifesta-se mais no método ou na abordagem que a poeta faz, como nos dez poemas que constam desse capítulo, nos quais chama primeiramente atenção para aspectos positivos da natureza, para, aos poucos, envolver o leitor numa atmosfera de horror e medo que ela pode proporcionar. Dentre eles, destaca-se “*A Bird came down the Walk*” no qual contrasta o mundo do homem com o da natureza, por meio da descrição dos movimentos de um passarinho arisco que corre, saltita pelo jardim e voa para longe. O poema, entretanto, vai muito além da mera descrição física, pois trata principalmente da ambivalência da natureza, ao mesmo tempo bela e destrutiva. Além disso, o poema funciona como uma metáfora polivalente, comportando várias interpretações.

Em “*I started Early – Took my Dog –*” que narra a ida de uma menina ao mar, onde molha os sapatos e, com frio e medo, volta correndo para casa, a poeta acusa a natureza, representada pela personificação do mar, de tentar obliterar a identidade e a segurança do ser humano. Também ironiza a natureza quando considera o mundo dos homens superior ao mundo natural. Já em “*The Mushroom is the Elf of Plants*”, ao explorar aspectos grotescos da natureza, Dickinson antecipa a atitude dos poetas modernos que mesclam o belo com o feio, além de enfatizar o caráter transitório da própria natureza.

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

Nos catorze poemas apresentados no Capítulo **6 Ironização da sociedade**, Daghlían analisa as críticas que Dickinson faz à sociedade do seu tempo, como às instituições que valorizavam os aspectos econômicos da vida e não respeitavam a solidão do indivíduo. Tais poemas deixam claro que, apesar de reclusa, não era indiferente aos fatos sociais. Em *“Success is counted sweetest”* – um dos poucos poemas de Dickinson publicados em vida – ela afirma que ninguém pode compreender bem o doce sabor da vitória, se não tiver experimentado o gosto amargo de uma derrota. Ou seja, a “compreensão” torna-se mais importante do que a recompensa. O poema, formado por um conjunto de três paradoxos, à medida que progride se intensifica e se eleva da expressão física à espiritualidade: nosso conhecimento do sucesso aumenta com a consciência de que ele é uma experiência do sofrimento.

Já em *“The Soul selects her own Society”* – sempre lembrado quando se fala na reclusão voluntária de Dickinson – a poeta expressa a determinação de não alterar o seu modo de pensar e de viver de acordo com as próprias convicções. O poema tem a ver, portanto, com as questões do livre-arbítrio e da salvação. Se interpretarmos o poema como uma amostra de resistência à aceitação da crença tradicional, a ironia acentua-se ainda mais, pois tal ideia se expressa por meio do metro comum dos hinos religiosos.

O poema *“Some keep the Sabbath going to Church –”* pode ser tomado como uma ironia à igreja enquanto organização social. Dickinson atinge nele a sociedade imediata de seu tempo, assim como qualquer grupo religioso do passado ou do futuro que valorize o aspecto exterior da religião em detrimento dos sentimentos individuais. Já *“Much Madness is divinest Sense –”*, todo feito de oxímoros e antíteses, inicia-se aludindo a uma passagem bíblica que

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

considera a sabedoria de Deus como loucura para os homens, pois muita loucura pode equivaler à sensatez divina e vice-versa. Entretanto, a opinião da maioria prevalece e o não conformista acaba sendo tido por louco. Por isso, desde o início, Dickinson ironiza o conformismo da sociedade.

A separação existente entre o homem e a Natureza em virtude de preocupações ou valores impingidos pela sociedade é o objeto de *“How happy is the little Stone”*. Ao elogiar um elemento tão simples, insignificante e solitário da natureza, Dickinson ironizava a sociedade por implicação, fazendo ironia à busca de prestígio social e da glória pública. Na contemplação da pedra, a poeta faz um contraste entre a obediência cega e natural da pedra e a vida atribulada do ser humano. A louvação da liberdade da pedra acaba por se constituir em uma ironia, por se tratar de uma liberdade inconsciente e circunscrita às limitações do objeto.

Já o Capítulo **7 A ironia de situação**, ou comportamental, tem a intenção de transmitir significados e, assim, opõe-se à “ironia verbal”, pois o significado irônico é captado pelo observador. Dentre os quinze poemas analisados, sobressaem *“I can wade Grief”*, no qual Dickinson primeiro relata uma experiência, para dar-lhe depois um caráter universal; *“‘Hope’ is the thing with feathers –”* no qual a poeta tenta dar uma explicação concreta para um termo abstrato: a ideia de esperança vem expressa por meio de um pássaro que canta alegre, mesmo em circunstâncias desfavoráveis e sem esperar recompensa. A ironia relaciona-se à pessoa que não sabe explicar a esperança, pois se trata de mero sentimento, uma melodia na alma que a abriga; *“There’s a certain Slant of light”* revela a preocupação de Dickinson com o efeito de certos fenômenos naturais no mundo interior do indivíduo: o poema todo tenta definir uma depressão estranha e muito

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

peçoal. A ironia está em que o significado da momentânea obliquidade da luz reside em seu desaparecimento, que adquire no poema uma função totalizante; *“This is my letter to the World”*, esta “carta” que a poeta escreveu ao mundo e equivalente a um manifesto poético, ela mesma não a enviou. A súplica final do poema dá-lhe um toque de ironia, pois Dickinson estava ciente das dificuldades que teria em conciliar o seu mundo de poeta com o mundo exterior; *“I heard a Fly buzz – when I died –”* transforma uma situação trágica em grotesca, no qual Dickinson imagina a própria morte. A chave da interpretação deste poema está na análise das reações humanas à presença da mosca, o único ser movente do poema, que anuncia a morte. A grande ironia do poema está em que o momento crucial da morte despoja-se de qualquer sinal de grandeza, pois, ao invés de um rei, vemos uma mosca, um inseto vil a lembrar que o cadáver será devorado por insetos.

O Capítulo **8 Ironia metafísica** examina quinze poemas. Entre eles, a ironia se manifesta como visão negativa do mundo em *“These are the days when Birds come back –”* e como expressão temática da miserabilidade do homem morto em *“Safe in their Alabaster Chambers”*, pois os membros da Ressurreição estão dormindo. Já em *“After great pain, a formal feeling comes –”* (considerado como um dos poemas mais bem acabados de Dickinson) a poeta traz a implicação da dor como um aspecto inevitável da existência, mas concluindo paradoxalmente que o efeito real da dor vem a ser a sua própria ausência, a extrema insensibilidade que somente um ferimento físico profundo poderia produzir; *“I died for Beauty”*, por sua vez, no qual Dickinson faz uso da intertextualidade ao apresentar um diálogo entre mortos, concretiza novamente uma visão irônica do mundo, pois o encontro da beleza com a verdade só se dá com a morte.

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

No último capítulo, **9 Ironia como poética**, o autor significativamente pergunta “Poderíamos falar na existência de uma poética de Emily Dickinson?”, apresentando em seguida a resposta sugerida por Thomas H. Johnson: “(...) revelar pelo menos um fragmento dos mistérios que o coração percebe”. É por meio dessa afirmação que Daghlian acredita que a ironia participa da própria poética de Dickinson, já presente em um de seus primeiros poemas – “*There is a word*” – entre os dez que o autor analisa. Em “*He fumbles at your Soul*” Dickinson compara a poesia natural com a construída, reconhecendo a superioridade da primeira. A alternância de imagens relativas à criação e à destruição revela mais uma vez a visão ambivalente da poeta. “*We play at Paste* –” ironiza a própria permanência ou perenidade da poesia, como também revela a consciência de Dickinson da diferença entre a poesia frívola e os usos mais requintados do espírito. Em “*Of all the Sounds despatched abroad*”, que se articula com “*He fumbles at your soul*” visto acima, Dickinson põe em confronto duas formas de poesia ou criação: a poesia natural, da natureza, e a poesia humana, com palavras, no caso a dela. A poeta acaba propondo como poesia desejável a que conseguisse imitar em substância e em profundidade as lições da natureza. Já em “*I dwell in Possibility*” Dickinson apresenta a poesia como o contrário do real. É um poema descritivo, de força evocativa, que afirma a superioridade da imaginação sobre a razão. Nele a autora aplica à poesia a imagem de uma casa, para mostrar as excelências da primeira e as limitações da segunda. Daghlian termina este capítulo comentando “*Your thoughts don’t have words every Day*” poema que ironiza, em sentido amplo, a ignorância humana diante da linguagem, instrumento de conhecimento. Em sentido restrito, ele sugere o método poético de Dickinson controlado pela ironia, pois ela se julga incapaz de captar a linguagem em sua força total.

No capítulo **10 Considerações finais**, Daghlian faz uma sinopse dos aspectos essenciais dos capítulos apresentados sobre “a

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

visão irônica do mundo” em Emily Dickinson, concluindo que “para quem tomava atitudes irônicas o tempo todo e diante dos mais variados aspectos da vida, a ironia, além de um modo de ver, era um modo de ser.”

A extensa **Bibliografia** que segue – incluindo os itens “Poemas e Cartas de Emily Dickinson”, “Fontes das traduções dos poemas abordados”, “Sobre a vida e obra de Emily Dickinson”, “Ironia e ideias afins” e “Crítica, História e Teoria Literárias e obras afins” – comprova a pesquisa ininterrupta da obra de Dickinson à qual o autor se dedicou, ao longo de toda sua vida acadêmica.

DAGHLIAN, Carlos. *Emily Dickinson: a visão irônica do mundo*. São José do Rio Preto, SP: Vitrine Literária Editora, 2016. 230 p. Resenha de: RENAUX, Sigrid. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 291-302.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.